

Da fábula escrita à fábula teatralizada: um itinerário para o ensino do oral

From the written fable to the staged fable: an itinerary for the oral teaching

Joaquim Dolz¹, Gustavo Lima², Juliana Zani³

Universidade de Genebra, Suíça, Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil, Universidade São Francisco, Brasil

RESUMO

O presente artigo se propõe a apresentar um dispositivo didático para o ensino do gênero fábula teatralizada como desdobramento de um minicurso voltado à formação continuada de professores de Língua Portuguesa. Para isso, retomamos, em um primeiro momento, os modelos didáticos dos gêneros fábula e fábula teatralizada utilizados no minicurso e, na sequência, abordamos o dispositivo didático contrastando duas modalidades: 1) sequência didática para o ensino da fábula; 2) itinerário para o ensino da fábula teatralizada. Didaticamente, a partir da proposta original de sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004), apresentamos um itinerário, um novo dispositivo didático, por meio da inserção de atividades metacognitivas (COLOGNESI & DOLZ, 2017) e de retextualização (MARCUSCHI, 2001), o que permite uma maior articulação entre os eixos da escrita, da oralidade e da leitura. Outrossim, incorporamos dimensões que contemplam elementos da linguagem oral e cênica, tais como os paralinguísticos, os cinésicos e os proxêmicos, os quais requerem a mobilização de capacidades de linguagem multimodais e multissemióticas.

PALAVRAS-CHAVE:

Fábula. Gênero de texto. Itinerário. Oralidade. Sequência didática. Multimodalidade

ABSTRACT

Recebido em: 02/05/22

Aceito em: 14/07/22

¹ E-mail: joaquim.dolz-mestre@unige.ch | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1488-0240>

² E-mail: ghlima.prof@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2434-361X>

³ E-mail: zani.julianabacan@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1662-2122>

This article aims to present a didactic device for the teaching of a staged fable genre. For this, we resume, at first, the didactic models of the genres fable and the staged fable used in the mini course for portuguese language teaching and, subsequently, we approach the didactic device contrasting two modalities: 1) didactic sequence for the teaching of the fable; 2) itinerary for teaching the staged fable. Didactically, from the original proposal of a didactic sequence (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004), we present an itinerary, a new didactic device, through the insertion of metacognitive activities (COLOGNESI & DOLZ, 2017) and retextualization (MARCUSCHI, 2001), which allows a greater articulation between writing, orality and reading. Furthermore, we incorporated dimensions that include elements of oral and scenic language, such as paralinguistics, kinesics and proxemics, which require the mobilization of multimodal and multisemiotic language skills.

KEYWORDS:

Fable. Text genre. Itinerary. Orality. Didactic sequence. Multimodality.

Introdução

Esta contribuição se inscreve no marco teórico do Interacionismo Sociodiscursivo centrado no desenvolvimento de estratégias de ensino de gêneros de texto orais (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). O objetivo é aportar uma reflexão e propor meios didáticos para desenvolver a expressão oral dos alunos. Três questões serão particularmente desenvolvidas: 1) quais são as dimensões ensináveis do gênero textual fábula que possibilitam a teatralização desse gênero pelos alunos? Essa primeira questão supõe uma análise das dimensões orais e multimodais da fábula teatralizada (DOLZ; LIMA; ZANI, 2020 e 2021); 2) como elaborar dispositivos didáticos para o ensino da fábula no ensino fundamental? Nesse aspecto, a contribuição busca analisar os aportes e as limitações de dois dispositivos didáticos: a sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) e o itinerário didático (COLOGNESI, 2015); 3) Que impactos têm uma formação sobre a expressão oral e escrita, centrada no gênero fábula, no desenvolvimento de competências profissionais dos futuros professores de língua portuguesa? O estudo permite, assim, observar os aportes e os limites de uma formação inicial articulada à pesquisa em engenharia didática.

O interesse da problemática é de abordar a oralidade e a multimodalidade de um gênero oral como a fábula teatralizada à luz: de um modelo didático do gênero, da avaliação do repertório e das capacidades linguísticas dos alunos e dos futuros professores, dos gestos de planificação de um projeto de ensino (sequência didática e itinerário) e de um retorno reflexivo sobre a experimentação realizada e centrada principalmente sobre a oralidade.

A oralidade está presente em todas as atividades dos professores em geral. O problema é que, geralmente, as práticas são intuitivas e a tendência consiste em abordar a expressão oral a

partir da norma padrão da escrita. Para os professores de língua, a questão da escolha dos objetos de ensino centrados na oralidade é fundamental. Numa perspectiva de multiletramentos, o desenvolvimento das capacidades orais pode ser abordado de forma autônoma, mas também articulado à escrita, nas múltiplas formas de continuidade descritas por Marcuschi (2001). Contudo, pesquisadores e docentes têm buscado alternativas teórico-metodológicas para desenvolver a oralidade, tanto com um trabalho do oral articulado à escrita, como centrado em um trabalho autônomo do oral. Nesse processo, a formação inicial e continuada do docente é hoje considerada fundamental para o desenvolvimento de atividades sobre gêneros orais na sala de aula. A pesquisa colaborativa (BORTONI-RICARDO, 2008) articulada com a formação é uma das possibilidades de desenvolver inovações didáticas.

Pautados no pressuposto de que a pesquisa e a “coletivização do conhecimento científico e o desenvolvimento profissional do professor devem permear as ações didáticas no âmbito de qualquer dispositivo de formação docente” (DOLZ; LIMA; ZANI, 2020, p. 262), realizamos um minicurso para professores intitulado “Da sequência didática ao itinerário para o ensino da expressão oral e escrita”, oferecido na XXVII Jornada Internacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste (GELNE), no ano de 2018, na cidade do Recife, Estado de Pernambuco. Na ocasião, construímos um modelo didático para o ensino do gênero fábula e fábula teatralizada e elaboramos coletivamente sequências didáticas completadas por um itinerário focalizado na oralidade e na multimodalidade da fábula teatralizada. Neste artigo, o foco será em um desdobramento desse minicurso, especificamente, em uma intervenção realizada no âmbito da formação inicial de professores. O objetivo é, portanto, investir no retorno reflexivo para completar as sequências didáticas planejadas pelos futuros professores com um itinerário possível para a representação oral do gênero fábula.

1. O modelo didático do gênero fábula teatralizada elaborado em um minicurso de formação continuada de professores

O grupo participante do minicurso foi constituído por professores da educação básica e do ensino superior, alunos da graduação e da pós-graduação, e formadores de professores. A formação continuada proposta focalizou em um projeto de ensino da fábula (gênero de texto escrito) que foi

transformado progressivamente em uma fábula teatralizada (gênero de texto oral), destinada a ser representada para um público escolar.

No âmbito desse minicurso, algumas estratégias formativas foram mobilizadas, a saber: a) escrita de uma fábula (tarefa proposta antes de acontecer os encontros); b) atividades de leitura; c) exposição dialogada; d) atividades envolvendo materiais didáticos, como a utilização de jogos, por exemplo; e) dramatização/representação oral de fábulas. Conforme já esclarecemos em outros trabalhos (DOLZ; LIMA; ZANI, 2020), as atividades formativas possibilitaram o contato dos participantes com o objeto de estudo (a fábula) e algumas de suas dimensões ensináveis: título, composição das personagens, estrutura dialógica-argumentativa e moral/ensinamento, mobilizando capacidades de linguagem discursivas e linguístico-discursivas, e (da fábula teatralizada) os aspectos cinésicos e paralinguísticos, de modo a também desenvolver capacidades multimodais e multissemióticas.

Trabalhar com um gênero de texto como objeto de ensino é “aprender a dominar o gênero, primeiramente, para melhor conhecê-lo, para melhor compreendê-lo, para melhor produzi-lo na escola ou fora dela” e de “desenvolver capacidades que ultrapassam o gênero e que são transferíveis para outros próximos ou distantes” (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, p. 69). A análise de um gênero de texto permite a identificação das suas dimensões ensináveis, logo, a elaboração de um modelo didático de um determinado gênero se faz necessário.

O modelo didático, sendo “a descrição provisória das principais características de um gênero textual” (DOLZ e GAGNON, 2015, p. 40), permite orientar as práticas de ensino. Ao organizar as dimensões ensináveis de um gênero, algumas características são importantes: a situação de comunicação; os conteúdos temáticos; a organização do texto (planificação); a textualização; e os aspectos não-linguísticos (a depender do gênero de texto).

Seguindo esta estrutura, a seguir, apresentamos brevemente o modelo didático do gênero fábula e da fábula teatralizada⁴.

Situação de comunicação

De tradição discursiva oral, a fábula escrita apresenta um conflito protagonizado por animais que

⁴ Modelo didático completo e ilustrado disponível em XXX, XXX, XXX, 2021.

representam estereótipos humanos, buscando, por meio de argumentos, convencer o leitor sobre uma certeza filosófica, de efeito moralizante, que é desvelada, normalmente, no final da narrativa. Na formulação da moral, são integrados histórias, crenças, tradições e provérbios de uma determinada cultura e região (DOLZ; LIMA; ZANI, 2021, p. 256). Na fábula teatralizada, essa moral é levada ao público, de forma lúdica e divertida, por meio da dramatização.

Conteúdo temático e sua organização

Baseando-se na moral a ser defendida, o tema pode ser dos mais variados, o que permite abordar questões da atualidade até épocas remotas. Nessa etapa, as escolhas dos personagens deverão considerar perfil psicológico dos animais, de modo que se adequam ao enredo da história sem perder de vista a orientação argumentativa do texto e o efeito de sentido pretendido. O conteúdo temático se apresenta em uma sequência narrativa, dialogal e argumentativa. Já na fábula teatralizada, essa organização se apresenta em atos e a estrutura comunicativa poderá ser monologal ou dialogal, a depender da função dos atores em cena (DOLZ; LIMA; ZANI, 2021, p. 256-258).

A textualização

O texto é marcado pela coesão nominal, principalmente na apresentação das personagens, e pela coesão verbal, ordenadas nas ações no espaço-temporal. Na sequência dialogada entre os personagens, apresentam-se as marcas argumentativas e os mecanismos de reponsabilidade enunciativa. As figuras de linguagem e a adjetivação dos personagens são utilizados com maior frequência, garantindo o efeito de sentido que se pretende atingir. Na fábula teatralizada, o texto também é marcado pelas características do texto falado, ou seja, há truncamentos, inserções, reformulações, hesitações e os marcadores conversacionais.

Aspectos não-linguísticos

Característicos da fábula teatralizada, os meios paralinguísticos (posicionamento de voz alta e bem articulada, pausas e respirações controladas), cinésicos e proxêmicos (atitudes corporais de acordo com a característica psicológica de cada personagem/animal e mímicas faciais), posição dos personagens na cena, os aspectos exteriores (fantasias e adereços, caracterizando cada

personagem) e a disposição dos lugares (cenários, iluminação) são aspectos importantes de serem desenvolvidos e os grandes responsáveis para a produção de sentido.

2. Itinerários didáticos: a construção de um dispositivo para o ensino do oral

A noção de *itinerário* foi inicialmente cunhada por Colognesi (2015). Segundo o autor, a ideia era a de propor um dispositivo didático que possibilitasse o desenvolvimento da competência escrita dos alunos sob cinco pilares fundamentais: 1) o agir dos estudantes sobre os textos (escrever, analisar, ajustar); 2) andaimes/ancoragem para o acompanhamento do processo de escrita; 3) confrontação e a avaliação de textos entre pares; 4) reescrita de textos; 5) reflexão metacognitiva.

Preocupados com a transposição desse dispositivo também para a didática do oral, Colognesi e Dolz (2017) aportaram alguns elementos a serem considerados no processo de formação inicial de professores, tais como as representações iniciais dos futuros professores sobre a didática do oral, o conhecimento acerca das prescrições oficiais para o ensino do oral, a identificação dos obstáculos de aprendizagem, as possibilidades de intervenção – incluindo mediações metacognitivas – e o acompanhamento da progressão dos alunos.

No âmbito escolar, o dispositivo *itinerário* é adaptado por Colognesi, Deschepper e Dejaegher (2020) por meio de uma experiência didática envolvendo a produção do gênero reportagem audiovisual em um contexto de educação francófono. As etapas propostas incluíram a produção de várias versões do texto oral a partir de:

1) procedimentos de andaime/ancoragem vinculados às dimensões necessárias para a produção oral

As atividades propostas exploravam: a) o conhecimento sobre o gênero bem como os aspectos linguísticos, paralinguísticos, cinésicos e proxêmicos implicados na produção do texto oral; b) a construção de uma grade de avaliação que contemplasse as características do gênero e os aspectos do oral que foram trabalhados.

2) interações entre pares para o aprimoramento do texto oral

Momento de regulação das aprendizagens. Ou seja, orientados pelo professor, os alunos trocavam entre si as várias versões dos textos com o objetivo de identificar os pontos fortes e os

possíveis obstáculos a serem superados, sugerindo melhorias para o aprimoramento do texto oral (avaliação entre pares ou avaliação horizontal).

3) atividades de metacognição

Essas atividades visavam engendrar estratégias didáticas que possibilitassem o engajamento e a reflexão dos alunos, a construção de conhecimentos sobre o gênero e, por conseguinte, a execução do projeto comunicativo proposto.

Partimos aqui da premissa de que o processo de transposição do itinerário, assim como de qualquer outro dispositivo didático, para outros contextos educacionais não deve ser um mero decalque, uma vez que as condições de trabalho do professor diferem de uma cultura para outra, assim como as especificidades dos sistemas educacionais.

Adeptos à perspectiva de que essa adaptação é possível desde que respeitados os princípios teórico-metodológicos do dispositivo, ressignificamos, em um trabalho anterior (DOLZ; LIMA; ZANI, 2020), a proposta inicial dos *itinerários* para o ensino do oral, adaptando-o à realidade educacional brasileira. Como já explicitamos, a experiência foi realizada em um minicurso para formação de professores, no âmbito de um evento científico. Partimos de um dispositivo didático já bastante difundido em território nacional, a *sequência didática* (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004), e ampliamos as práticas de escrita e de expressão oral para além de uma produção inicial e uma produção final, intercalando, ainda, momentos de reflexão sobre as várias versões do texto produzido. No caso específico do minicurso, os professores tiveram que produzir, pelo menos, três versões da fábula (duas escritas e uma oral). O desafio do projeto comunicativo consistia, portanto, em levar os docentes a escreverem uma *fábula à brasileira* tomando como referência uma fábula clássica prototípica e, em seguida, realizarem a transposição para o oral, transformando-a em uma fábula teatralizada.

Para tal, suplementamos os princípios teórico-metodológicos dos *itinerários* incorporando às nossas ações formativas: 1) atividades de retextualização do escrito para o oral (MARCUSCHI, 2005); 2) atividades de análise de gêneros; 3) o trabalho com vários gêneros associados em um mesmo projeto comunicativo; e 4) atividades que evidenciassem a articulação entre os eixos da escrita, da leitura e da oralidade, reforçando a perspectiva sociointeracionista de língua que subjaz

a este dispositivo didático.

3. Metodologia

Como desdobramento do minicurso, realizamos, no ano de 2019, uma oficina, com duração de 4 horas, no âmbito de uma formação inicial de professores, especificamente com discentes do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Garanhuns⁵, vinculados ao Programa Residência Pedagógica⁶. O objetivo era fazer com que os alunos planificassem sequências didáticas (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) para o ensino do gênero fábula. Na ocasião, as produções realizadas pelos licenciandos foram devidamente recolhidas para fins de análise.

Assim, o recorte que aqui trazemos é resultante da coleta de dados de uma pesquisa que seguiu quatro etapas: 1) observação e análise de uma formação continuada sobre o ensino da fábula (DOLZ; LIMA; ZANI, 2020); 2) observação e análise de uma ação formativa em um contexto de formação inicial de professores, sendo esta resultante de um desdobramento do minicurso; 3) análise da planificação das práticas de ensino resultantes dessa ação formativa; 4) retorno reflexivo e ajustamento da planificação a um itinerário sobre a fábula focalizado no ensino da oralidade. Assim, focalizamos aqui os dados recolhidos nas três últimas etapas da pesquisa, ou seja, no contexto de formação inicial de professores. As observações sobre a réplica do minicurso na formação inicial seguiram a mesma metodologia do minicurso.

A constituição do corpus é complexa, multifocal (neste trabalho, centrado nos gestos de planificação dos licenciandos e nos gestos de regulação das planificações dos formadores) e multidimensional (dimensões orais e escritas da fábula). Os dados da primeira etapa da pesquisa foram constituídos a partir do registro das observações gravadas em vídeo do minicurso de formação

⁵ Após processo de emancipação, em 2002, passou-se a denominar Universidade Federal do Agreste de Pernambuco.

⁶ “O Programa de Residência Pedagógica é uma das ações que integram a Política Nacional de Formação de Professores e tem por objetivo induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso” (<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica#:~:text=O%20Programa%20de%20Resid%C3%Aancia%20Pedag%C3%B3gica,segunda%20metade%20de%20seu%20curso.>)

contínua, das fábulas escritas pelos professores e dos esboços de planificação do ensino proposto.

Na segunda etapa, portanto, os dados foram resultantes das observações e registros dos gestos de regulação durante a ação formativa no contexto de formação inicial de professores. Na etapa seguinte, os dados foram constituídos dos planejamentos do ensino da fábula elaborados pelos futuros professores a partir da ação formativa. A unidade de análise é a sequência completa de atividades escolares propostas para trabalhar a fábula. Uma sinopse (SCHNEUWLY; DOLZ, 2009) permite estabelecer as listas de atividades de ensino, ordenadas temporalmente, escolhidas para cada um dos projetos pedagógicos propostos pelos professores. A *análise a priori* (CHEVALARD, 1992) da tarefa de escrita e da teatralização da fábula, realizada a partir da *modelização didática* do gênero (DOLZ; SCHNEUWLY, 1998), permite identificar os *objetos de ensino* escolhidos, as *formas sociais de trabalho* (em grupos, individual, em duplas etc.) e os *suportes e ferramentas de trabalho* de cada uma das atividades.

O foco da terceira etapa é o trabalho sobre a expressão escrita e oral, diferenciando as dimensões temáticas do gênero (personagens da fábula, estrutura narrativa, moral da fábula, criação de uma intriga) e as dimensões expressivas em língua portuguesa de uma escrita destinada à oralização e do próprio trabalho sobre a oralidade.

A quarta e última etapa apresenta o retorno reflexivo dos formadores insistindo nos aportes e nas carências dos planejamentos iniciais. O tratamento dos dados permitiu identificar os obstáculos profissionais para abordar a oralidade. Globalmente, trata-se de um esforço dos formadores para transformar as sequências iniciais dos professores em itinerários nos quais a articulação entre a escrita e o oral é o aspecto mais relevante, permitindo transformar uma sequência em um itinerário.

Em resumo, nossa proposta contém um conjunto de elementos metodológicos que se iniciam com observações das ações formativas e análise de atividades de planificação que permitem ascender inteligibilidade das propostas dos professores. O conjunto dos dados permite, assim, descrever a transposição didática das dimensões do gênero apresentadas no modelo didático da fábula teatralizada. Outrossim, possibilita uma visão compreensiva do gesto de planificação inicial dos professores. Vista a complexidade do gênero, tratamos sobretudo de analisar os obstáculos para abordar o objetivo final que, desde o início do projeto de formação, dirige-se à teatralização da

fábula, introduzindo um trabalho sobre a oralidade.

4. Replicando experiências: do minicurso à formação inicial de professores

Como já esclarecemos, uma nova ação formativa foi realizada, desta vez no âmbito da formação inicial de professores, com o objetivo de replicar a experiência vivida no minicurso destinado a professores em um evento científico. Para isso, propusemos uma oficina em seis etapas conforme quadro abaixo:

Quadro 1: planificação da ação formativa

ETAPA	ATIVIDADE
1	Levantamento do conhecimento prévio dos futuros professores acerca do gênero fábula;
2	Leitura de um exemplar de uma fábula “à brasileira” nos moldes da tradição clássica com o objetivo de retomar brevemente os aspectos prototípicos do gênero;
3	Realização de uma atividade lúdica com o objetivo de ampliar o conhecimento dos futuros professores acerca dos hábitos e traços psicológicos de alguns animais da fauna local, tais como escorpião, urubu, bode, vaca, coruja, jumento, cobra cascavel etc.;
4	Escolha de um provérbio ou ditado popular para compor a moral da fábula;
	Definição da linha argumentativa do texto a partir da associação entre o significado do provérbio popular e os perfis psicológicos dos animais que irão protagonizar a fábula;
6	Elaboração de uma proposta de planificação do ensino do gênero fábula.

Fonte: elaborado pelos autores.

Desse modo, após apresentarmos o programa da oficina, com as etapas e atividades previstas, questionamos os licenciandos acerca de quais fábulas já tinham lido, quais eram os personagens, sobre qual moral versava a fábula etc. Em seguida, realizamos a leitura expressiva de uma fábula “à brasileira” intitulada “Dona Onça e o tatu-bola⁷”, a mesma utilizada no minicurso. Na ocasião, também questionamos os futuros professores sobre a moral da fábula e o perfil dos animais

⁷ A fábula, de autoria do Prof. Dr. Joaquim Dolz, versava sobre uma onça que teve o seu descanso interrompido por um grupo de tatus-bola que brincavam nas redondezas e resolve, então, caçar o tatu mais gordinho para a sua refeição. Todavia, os tatus, ao se darem conta do perigo iminente, prontamente cavaram uma toca que se estendeu por debaixo da terra para bem longe de onde estava a onça. Moral da história: “Tatu velho não esquece o buraco”.

protagonistas da narrativa, estratégia que serviu de gancho para a atividade seguinte, cujo foco era na ampliação dos conhecimentos sobre animais da fauna local.

Dividimos a turma em pequenos grupos e entregamos um jogo de cartas com imagens de alguns animais característicos da região e fragmentos de texto (sem a identificação do animal) contendo descrições sobre hábitos, características físicas, *habitat*, de modo que eles tinham que estabelecer correspondências entre as imagens dos animais e suas respectivas descrições. O objetivo dessa atividade era o de aprofundar um pouco mais os conhecimentos dos licenciandos sobre esses animais, de modo que, na etapa seguinte, eles pudessem definir qual par de bichos iria protagonizar a fábula.

O passo seguinte consistiu na distribuição de uma lista de cinquenta provérbios e ditados populares para que realizassem uma leitura atenta e escolhessem qual ensinamento iria nortear a linha argumentativa da fábula. Tal escolha deveria estar em consonância com o perfil psicológico dos animais protagonistas. Todos os grupos tiveram que explicar em voz alta qual aforismo escolheram e por qual razão. Para sistematizar essa discussão, distribuimos um quadro para que cada grupo registrasse quais animais iriam protagonizar a narrativa (o título da fábula), o provérbio escolhido (a moral da fábula), bem como o projeto comunicativo que pretendiam realizar na escola.

Na sexta e última etapa da oficina, os estudantes foram orientados a planejarem algumas atividades para o ensino do gênero fábula. Nesse momento, esbarramos em alguns impedimentos de ordem externa (alunos que precisaram se deslocar para outros compromissos), os quais, de algum modo, impactaram na planificação das atividades propostas. Discorreremos melhor sobre o processo de planificação dessas sequências no tópico a seguir.

5. A planificação das sequências didáticas pelos licenciandos

A atividade de planificação do ensino do gênero fábula proposta ao final da oficina foi realizada em pequenos grupos. A interação entre os licenciandos favoreceu a busca coletiva por caminhos didáticos viáveis, contribuído, por conseguinte, para uma melhor articulação entre teoria e prática na formação para a docência. Com base nos dados empíricos, apresentamos a seguir uma síntese de como os futuros professores planejaram o ensino do gênero fábula:

Quadro 2: síntese das planificações das SD do gênero fábula

GRUPO	ANIMAIS	MORAL	PROPOSTA DE PLANIFICAÇÃO	DIMENSÕES ENSINÁVEIS DO GÊNERO
1	A cobra e o jumento	O seguro morreu de velho	<p><i>1º momento</i> - conhecer os diversos ditos populares;</p> <p><i>2º momento</i> - realizar uma pesquisa bibliográfica sobre os animais;</p> <p><i>3º momento</i> - sistematizar em uma tabela as características dos personagens que irão protagonizar a fábula;</p> <p><i>4º momento</i> - delinear/descrever o cenário em que se dará a narrativa.</p> <p><i>Projeto comunicativo:</i> apresentação da fábula para a comunidade escolar.</p>	<p><i>Moral</i></p> <p><i>Adjetivação das personagens</i></p> <p><i>Sequências narrativas</i></p>
2	A cascavel e o urubu	As aparências enganam	<p><i>1º momento</i> - conhecer os provérbios mais comuns; - seleção do provérbio para a fábula (moral);</p> <p><i>2º momento</i> - relacionar provérbios com a construção da fábula;</p> <p><i>3º momento</i> - caracterizar o perfil psicológico dos animais;</p> <p><i>4º momento</i> - elencar as características da fábula.</p>	<p><i>Moral</i></p> <p><i>Sequências narrativas, dialogais e argumentativas</i></p> <p><i>Adjetivação das personagens</i></p>

			<i>Projeto comunicativo:</i> apresentação da fábula para a comunidade escolar.	
3	A coruja e o jumento	As aparências enganam	<p><i>1º momento</i> - levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre provérbios populares;</p> <p><i>2º momento</i> - traçar o perfil psicológico dos animais e atribuir os provérbios aos atos de fala na fábula;</p> <p><i>3º momento</i> - compreender a relação de tempo e espaço no texto narrativo;</p> <p><i>4º momento</i> - produção final da fábula; - fazer um mural para exposição das fábulas.</p> <p><i>Projeto comunicativo:</i> apresentação da fábula para a comunidade escolar.</p>	<p><i>Moral</i></p> <p><i>Adjetivação das personagens</i></p> <p><i>Sequência dialogal</i></p> <p><i>Sequência narrativa</i></p>

Fonte: elaborado pelos autores.

Quanto à planificação das etapas de ensino do gênero fábula pelos licenciandos, observamos que os três grupos organizaram uma proposta de intervenção em 4 (quatro) momentos, os quais, no geral, contemplaram dimensões importantes do trabalho com o gênero fábula, a saber: *situação de comunicação, conteúdo temático, plano do texto e textualização* (DOLZ; LIMA; ZANI, 2021).

Em relação à *situação de comunicação*, a proposta para todos os grupos foi a de produzir uma fábula, nos moldes da tradição clássica, a partir de elementos da cultura (provérbios e ditados populares) e da fauna locais. Em relação às condições de produção, embora as tenhamos deixado a critério de cada grupo, verificamos que elas foram muito semelhantes: produzir uma fábula para ser socializada com a comunidade escolar (alunos da mesma turma ou alunos de outra turma da mesma escola).

No que concerne ao *conteúdo temático*, observamos que o critério dos grupos para a escolha

dos animais que iriam protagonizar a fábula parece ter sido o de oposição. Ou seja, foram definidos como protagonistas da fábula animais com características psicológicas e representações culturais bem distintas. A título de exemplificação, apresentamos o par de personagens escolhidos pelo grupo 3: *a coruja e o jumento*. A primeira é conhecida por sua visão ampla, periférica e precisa (enxergar o entorno, o que outros não veem). Em razão disso, culturalmente é concebida como símbolo de “sabedoria”. Já o segundo animal, *o jumento*, é típico da zona rural e muito utilizado para o transporte de carga e tração (carregar carroça, por exemplo). É conhecido ainda por permanecer imóvel (“empacar”) ao se perceber em situação iminente de perigo ou ameaça. Em vista disso, seus atributos são equivocadamente associados a pessoas com conhecimentos enciclopédicos limitados, que, supostamente, “não possuem sabedoria” ou costumam agir ou se expressar de forma grosseira ou irracional.

Em outro grupo, a oposição foi entre *o jumento* e *a cobra*, esta última conhecida pelo seu veneno poderoso, por sua esperteza e pela capacidade de ficar à espreita, em posição vigilante e atenta, pronta para cercar a presa e dar o bote final. No convívio social, tais características são associadas a uma pessoa “venenosa”, “fingida”, não confiável, de língua ferina, que procura, de algum modo, prejudicar outras.

Em relação aos provérbios para a constituição da moral da fábula, observamos que a escolha dos grupos não ocorreu de forma aleatória. Isso porque, além de serem coerentes com o perfil psicológico dos personagens, os provérbios reforçam a relação de oposição entre eles, potencializando, por conseguinte, a geração do conflito necessário à fábula. Uma escolha assertiva dos provérbios também é importante para delinear o *plano do texto*, uma vez que eles orientarão a linha argumentativa a ser assumida na narrativa, possibilitando, conseqüentemente, a geração do conteúdo constitutivo das sequências dialogais entre os personagens.

No grupo 1, por exemplo, a linha argumentativa para a construção do diálogo entre *a cobra* e *o jumento* é orientada pelo seguinte dizer: “o seguro morreu de velho”. Segundo a sabedoria popular, esse dito se aplica a pessoas que são muito precavidas, que se sentem muito espertas, seguras e despreocupadas em relação a alguma situação (um traço psicológico da *cobra*), mas que correm o risco de serem enganadas por outros aparentemente desprovidos de inteligência (traço psicológico do *jumento*), geralmente quem elas menos imaginam. Essa linha de raciocínio é coerente com o perfil psicológico das personagens escolhidas por esse grupo.

Já em relação aos grupos 2 e 3, o ditado escolhido para construir o argumento final da fábula foi “as aparências enganam”. Aqui, observamos que a ideia parece ter sido a de que narrativa deverá ser orientada pela perspectiva do pré-julgamento: de um lado, aqueles que se mostram mais bonitos, espertos e inteligentes (a *cobra* e a *coruja*); de outro, os que supostamente são mais feios (o *urubu*) ou “estúpidos e grosseiros” (o *jumento*).

Por fim, no que concerne aos aspectos de *textualização*, o planejamento elaborado pelos três grupos se ateve a apenas um elemento: a adjetivação dos personagens. Outros aspectos necessários à escrita da fábula foram negligenciados nas planificações realizadas pelos licenciandos, tais como a utilização adequada dos tempos verbais passado (pretérito mais-que-perfeito) e presente.

Em função do curto tempo pedagógico estabelecido para a realização da oficina com os licenciandos, não foi possível ampliarmos a proposta de planificação de modo a contemplar também aspectos da oralidade, diferentemente do que ocorreu no minicurso com os professores. Em razão disso, o que faremos a seguir é trabalhar sobre o retorno reflexivo para completar a sequência didática em um itinerário realizado por etapas centrado na oralidade, que pode ser incorporado ao planejamento inicial dos licenciandos, possibilitando a representação oral do gênero fábula. Para isso, tomaremos como referência o modelo didático da fábula teatralizada que desenvolvemos (DOLZ; LIMA; ZANI, 2021).

De imediato, constatamos um duplo obstáculo profissional: 1) centração exclusiva sobre escrita: todas as propostas de sequências didáticas focalizaram unicamente a escrita, ainda que uma parte das atividades poderiam ter sido realizadas oralmente. Mesmo as sequências sendo destinadas a alunos do ensino fundamental e o objetivo da formação implicasse a formação para o oral e para a escrita, todo o trabalho proposto não adentrou às dimensões do oral. 2) limite temporal: em função de um tempo pedagógico reduzido, a oralidade não é desenvolvida e a prioridade é atribuída às exigências do programa sobre a escrita.

6. Apresentação de um itinerário para o ensino do gênero fábula teatralizada

A ausência de um trabalho com a oralidade foi um traço presente nos três grupos e, por essa razão, insistimos no trabalho necessário para desenvolver a oralidade com a fábula apoiado em quatro aspectos: 1) a voz dos animais associada aos personagens prototípicos da fábula; 2) a

entonação expressiva associada às características psicológicas e a trama da fábula; 3) o ensaio para representação teatral das cenas dialogadas da fábula; 4) o trabalho acerca das dimensões multimodais da encenação (organização o espaço, postura, gestos, mímica facial etc.).

Desse modo, a título de exemplificação, propomos uma nova etapa complementar e válida para cada uma das três seqüências planejadas pelos licenciandos com vistas à construção de um itinerário da fábula teatralizada:

Quadro 3: Apresentação de um Itinerário Didático para o ensino do gênero fábula teatralizada⁸

<i>Projeto comunicativo:</i> Apresentação de esquete teatral ⁹ de uma fábula para os demais alunos da escola e/ou para a comunidade escolar.							
<p><i>Módulo1:</i> escolhendo as vozes dos personagens a partir dos sons dos animais</p>	<ol style="list-style-type: none"> Listar alguns animais da fauna local e solicitar aos alunos que reproduzam os sons emitidos por esses animais (<i>Exemplo: cobra. “reproduza o som da cobra”</i>); Propor uma atividade lúdica com o objetivo de reproduzir alguns sons de animais (há sons disponíveis na plataforma do <i>Youtube</i>¹⁰) e solicitar que os alunos tentem relacioná-lo ao animal correspondente (Exemplo: esse som é emitido por qual animal?); Elaborar um quadro para que os alunos possam relacionar os sons dos animais a onomatopeia correspondente. Exemplo: <table border="1" style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <thead> <tr> <th><i>animal</i></th> <th><i>som</i></th> <th><i>onomatopeia</i></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td><i>vaca</i></td> <td><i>mugir</i></td> <td><i>muuu</i></td> </tr> </tbody> </table>	<i>animal</i>	<i>som</i>	<i>onomatopeia</i>	<i>vaca</i>	<i>mugir</i>	<i>muuu</i>
<i>animal</i>	<i>som</i>	<i>onomatopeia</i>					
<i>vaca</i>	<i>mugir</i>	<i>muuu</i>					
<p><i>Módulo 2:</i> incorporando as vozes dos animais aos personagens da fábula</p>	<ol style="list-style-type: none"> Propor um diálogo cuja situação seja a apresentação entre os animais da fábula e/ou entre os animais da fábula e os animais das demais fábulas. Nesse momento, os alunos deverão incorporar algum animal e se apresentarem uns aos outros com uma voz que se pareça com o som emitido pelo animal correspondente. Essa atividade poderá ser feita no coletivo ou em duplas. (<i>Exemplo: “oi, eu sou uma vaca... muuuu. - usando um tom de voz que se pareça com uma vaca falando</i>); Organizar os alunos em pequenos grupos e propor que eles decidam entre eles quem irá representar os animais protagonistas da fábula; Elaborar um quadro com os animais protagonistas. Nele, devem listar quais aspectos ou traços psicológicos pretendem destacar na fábula teatralizada. Exemplo: <table border="1" style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <thead> <tr> <th><i>Animal</i></th> <th><i>traço</i></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> </td> <td> </td> </tr> </tbody> </table>	<i>Animal</i>	<i>traço</i>				
<i>Animal</i>	<i>traço</i>						

⁸ O itinerário proposto foi pensado para crianças, mas poderá ser adaptado a depender da faixa etária dos alunos.

⁹ encenação curta sobre diferentes temáticas. De caráter geralmente cômico, é realizada por um número pequeno de atores, que podem ou não utilizar o improviso.

¹⁰ Alguns exemplos de sons emitidos por animais podem ser encontrados em: <https://youtu.be/Iey-AtS4IUu>

	<i>Coruja</i>	<i>sabedoria</i>
<i>Módulo 3:</i> adaptando o diálogo conforme os traços psicológicos dos animais	<ol style="list-style-type: none"> 1. Realizar uma pesquisa na internet em busca do som emitido pelos animais protagonistas da fábula, bem como os seus gestos prototípicos (a busca pode ser feita no <i>Google</i>); 2. Executar uma performance oral do animal para o grande grupo considerando o que foi encontrado na pesquisa; 3. Realizar a leitura expressiva de um fragmento da fábula em que há um diálogo entre os animais. Nesse momento, o professor precisa atentar para aspectos dialetais (tentar encontrar uma espécie de som “padrão” para os animais), cinésicos e proxêmicos; 4. Proceder com uma autoavaliação da performance. O professor também comenta sobre os aspectos da oralidade trazidos por cada grupo. Os critérios de avaliação devem contemplar aspectos linguísticos, paralinguísticos, cinésicos e proxêmicos. (Sugerimos a elaboração de uma grade de avaliação para os alunos e outra para o professor); 	
<i>Módulo 4: Tá chegando a hora...</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Elaborar, por escrito, um roteiro da esquete teatral contemplando os aspectos da oralidade trabalhados; 2. Realizar os preparativos finais (figurino, cenário, adereços etc.) necessários para a representação dos animais; 3. Ensaiar a performance oral com o apoio do roteiro da esquete. 	
<i>Módulo 5: chegou o grande dia!!!</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Representar oralmente as fábulas em forma de esquetes para a comunidade escolar. 	

Fonte: elaborado pelos autores.

Os formadores intervêm em uma parte para justificar uma visão global do itinerário que comporte a possibilidade de uma centração sobre a oralidade. Nesse sentido, o conjunto de atividades é discutido com os alunos para verificar o interesse e, sobretudo, para ver a lógica da progressão, permitindo chegar a uma representação teatral de uma fábula construída pelos alunos.

A regulação sobre os módulos 1 e 2 trabalha a escolha de vozes e permite um exercício vocal de adaptação com o conhecimento sobre os gritos dos animais e uma discussão sobre o interesse desses aspectos para o trabalho sobre a oralidade. A proposta enriquece os conhecimentos sobre os animais, mas se dirige, sobretudo, para a adaptação das vozes aos sons emitidos pelos animais (mugir, grasnar, berrar etc.).

As intervenções dos formadores sobre o módulo 3 permitem valorizar o trabalho previamente realizado sobre as dimensões psicológicas dos personagens prototípicos da fábula. A

proposta desse módulo é adaptar a entonação expressiva dos rasgos evocados pelos próprios estudantes a uma voz condizente com um diálogo entre animais. Trata-se, portanto, de apresentar o resultado da reflexão comum sobre a importância do treino das diferentes cenas, inclusive a modificação do texto, para permitir a encenação teatral.

Finalmente, no módulo 4, uma encenação não se limita à voz multimodal. A resignificação do texto passa pela inclusão de múltiplos elementos visuais, como a distribuição dos atores na cena, os gestos, as mímicas faciais etc. Nesse módulo, trabalha-se fundamentalmente sobre o treino da cena geral, incluindo todo o conjunto de sistemas semióticos da comunicação verbal e não verbal. Nesse momento, atividades de retextualização (MARCUSCHI, 2001) são importantes, pois auxiliam na passagem da escrita para o oral. Assim, a elaboração de um roteiro serve de esquema que orientará a encenação teatral, mas também permite improvisos.

Considerações finais: superar o obstáculo da força da tradição escrita

Sem entrar em detalhes sobre as constatações apontadas no curso da nossa contribuição, achamos interessante concluir respondendo às três questões formuladas na introdução.

As primeiras análises dos resultados indicam a importância de modelizar o gênero de texto para organizar o ensino, fazendo a distinção entre o gênero escrito e as particularidades do gênero teatralizado. As dimensões priorizadas pelos futuros professores foram: os personagens prototípicos da fábula, os traços psicológicos, a linha argumentativa para a construção da moral, as sequências narrativas e dialogais na construção da fábula. Todos os licenciandos implicados adaptaram a planificação sobre essas dimensões, atribuindo uma importância maior à adaptação do gênero fábula ao contexto brasileiro (fauna local, provérbios e ditos populares, expressões em língua portuguesa). Por outro lado, ninguém propôs diretamente um trabalho sobre essas mesmas dimensões abordadas com um *corpus* oral ou realizando tarefas centradas na oralidade. Tampouco, as múltiplas possibilidades de multimodalidade do gênero foram abordadas. Nessa etapa final da discussão, convém questionar se não seria possível trabalhar diretamente a partir do modelo didático da fábula teatralizada para orientar mais fortemente o trabalho sobre a oralidade, já que a finalidade é desenvolver a expressão oral dos estudantes.

O gesto de planificação de uma sequência didática foi adquirido por todos os licenciandos

participantes da oficina. Todas as sequências propostas são adequadas para os alunos do ensino fundamental, apresentam uma progressão interna das atividades interessante e mostram uma adaptação às capacidades do público-alvo. Contudo, dois obstáculos profissionais foram identificados nos planejamentos: 1) centração exclusiva sobre escrita e 2) limite temporal. Talvez, a formação poderia, do ponto de vista da didatização, separar oral e escrita para insistir sobre a oralidade em um contexto em que os condicionamentos do sistema escolar e da tradição do ensino privilegiam a escrita. A interpretação das prescrições curriculares leva à priorização da leitura e da escrita, destinando um tempo limitado para um projeto com ênfase no oral. Assim, observando o fracasso do desenvolvimento de propostas centradas no desenvolvimento da oralidade, o retorno reflexivo proposto consistiu em transformar as sequências didáticas (com a possibilidade de transformar certas atividades em atividades orais) em itinerários organizados por etapas, respeitando uma primeira etapa (a planificação dos estudantes) e sugerindo outras etapas centradas na voz em função dos animais prototípicos da fábula, na entonação expressiva em função dos traços psicológicos dos personagens no diálogo e nas diferentes dimensões multimodais cênicas da teatralização. Em todo caso, a possibilidade de trabalhar por etapas articulando oral e escrita permitiu uma reflexão sobre um trabalho em continuidade, com uma finalidade comunicativa clara (a representação teatral para outros alunos) e uma organização do tempo pedagógico em um período mais longo, com intervalos.

Apesar dos limites das nossas ambições sobre a oralidade, o modelo proposto para articular pesquisa e formação em um trabalho coletivo mostrou um interesse particular. Nesse sentido, consideramos que os planejamentos dos itinerários resultantes desta pesquisa deveriam ser agora experimentados com os alunos do ensino fundamental para que possamos avaliar a legitimidade da proposta, a possibilidade real de implementação na escola brasileira e, sobretudo, as aprendizagens orais e escritas dos alunos.

Referências

BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Estratégias de Ensino, 8), 136 p.

CHEVALLARD Y. Concepts fondamentaux de la didactique: perspectives apportées par une approche anthropologique. *Recherches en Didactique des Mathématiques*, 12(1), 1992. p. 73–111.

COLOGNESI, S.; DESCHEPPER, C.; DEJAEGHER, C. Itinéraires comme dispositif d'enseignement/apprentissage de l'oral. Quand les élèves du primaire apprennent à réaliser des reportages audiovisuels. In: DUPONT, Pascal. *Pratiques et outils de formation de l'enseignement de l'oral en contexte francophone*. Presses Universitaires du Midi: Toulouse, 2020, p.119-133. Disponível em : <https://dial.uclouvain.be/pr/boreal/object/boreal:226729> . Acesso em 09/04/2022.

COLOGNESI, S. « *Faire évoluer la compétence scripturale des élèves* ». Thèse de doctorat. Université Catholique de Louvain. Louvain-la-Neuve. 2015. Disponível em : <https://dial.uclouvain.be/pr/boreal/object/boreal:161327> . Acesso em 09/04/2022.

COLOGNESI, S.; DOLZ, J. Faire construire des scénarios pour développer les capacités orales des élèves du primaire. In: J.-F. de Pietro, Carole Fisher & R. Gagnon (Ed.). *L'oral aujourd'hui : perspectives didactiques*. Namur : Presses Universitaires de Namur, 2017. Disponível em: <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:97894>. Acesso em 01/06/2020.

DOLZ, J; GAGNON, R. O gênero de texto, uma ferramenta didática para desenvolver a linguagem oral e escrita. In: BUENO, L.; COSTA-HÜBES, T. C. (org.). *Gêneros orais no ensino*. Campinas: Mercado de Letras, 2015. (Série Ideias sobre Linguagem).

DOLZ, J.; LIMA, G.; ZANI, J. B. Itinerário para o ensino do gênero fábula: a formação de professores em um minicurso. *Revista Textura*. 2020. v.22. n. 52, p. 250-274. Acesso em: 12 jan. 2020.

DOLZ, J.; LIMA, G.; ZANI, J. B. Representação teatral do gênero fábula: uma experiência de formação continuada no âmbito de um minicurso. In: MAGALHÃES, T.; BUENO, L.; COSTA-MACIEL, D. (orgs.). *Oralidade e gêneros orais: experiências na formação docente*. São Paulo: Pontes Editores, 2021. p.253-276.

DOLZ J., NOVERRAZ, M. e SCHNEUWLY, B. (2004). Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B & DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p.95-128.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Pour un enseignement de l'oral*. Paris: ESF. 1998.

MARCUSCHI, L. A. A oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONISIO, A. P; BEZERRA, M. A. (orgs). *O livro didático de Português: múltiplos olhares*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 21-34.

MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001. SCHNEUWLY, B.; DOLZ, D. Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução Roxane Rojo e Gláís Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 61-78.
